

Dublê de alma

Poesia reunida

Paulo Becker

Para Eliana Teixeira

Alta Tensão

Alta tensão

Porque hoje é o amanhã de ontem

Porque o corpo cresceu pra outras fomes
e uma alegria feroz

Porque não cabem na escola
os meus sonhos de ser outro

eu sou a casa de força
onde a poesia me cria

Despertar

Levantás sem alegria
Lavas a cara na pia

As mãos que escovam os dentes
depois preparam café

Engoles o café quente
e a fatia com manteiga

Por tua goela deslizam
Lavas a louça em silêncio

Olhas teu rosto no espelho:
o rosto que não querias

Não ligas. Compões o riso
Lá fora, o dia te espera

Round

BIP! BIP! BIP! BIP! UM-DOIS! UM-DOIS!
O despertador comanda o alvorecer
como um general alemão

A gravata aperta o nó

O trânsito
faz ases no volante
e pedestres heróis

A mesa atrofia
a mente

Os jornais mentem

Os edifícios
empilham solidões
nos apartamentos

TODOS TELEVIVEM

A cama acolhe
o atleta no corner

Classificados

Aluga-se, janeiro,
a casa na praia,
a garagem, o terreno,
as varas de pescar.

Aluga-se a luz
e a água encanada,
a pia, o fogão,
a cama de casal.

Aluga-se a rua
com sua manhã
de sol
e paralelepípedos.

Aluga-se a praia,
as gaivotas, os guarda-sóis
e as moças que passam
nuas tuas na orla.

Aluga-se o mar,
suas ondas, o sal
e o vento que sopra
carregado de barcos.

Alugam-se as nuvens
e a atenção dos sorveteiros.
Por pagamento em dinheiro,
ALUGA-SE JANEIRO.

Jogos de domingo

Para Francisco Witt

O cigarro se fuma sozinho
no cinzeiro sobre a mesa
A fumaça brinca no ar

Na garganta, a cerveja retesa
os músculos com seu gelo
Até Deus quis descansar

O pensamento
fluindo atirando-se em ondas
no cérebro
rebenta contra ernas
paredes

A cerveja
é amarela
e silenciosa

O cigarro
espirala
fumaça

Maria

Preta, magra, solteira,
15 anos incompletos,
Maria é mãe de um garoto

de nome americano
e corpinho subnutrido
de brasileiro.

(Do pai ninguém sabe o paradeiro.)

Maria trabalha numa indústria de tecelagem
curvada oito horas sobre a máquina de fiar
tecendo curvada tecendo tecendo
esperando curvada esperando esperando
o momento de voltar para casa
e apanhar o seu filho nos braços.

Quinze anos incompletos
e um destino por inteiro.
A mulher que a menina pôde,
mas não sonhou.

Na funerária

A família procura
o caixão mais barato
que tenha o comprimento
do querido finado
- a estatura do vivo,
no corpo já expirado,
vira metro vencido,
que se mede ao comprido.

A família procura
o caixão preto e liso
e a coroa sem ouros
para o ente querido
- não carece verniz
quem saiu da pobreza
e amanhã, como sempre,
tem que ser posta a mesa.

A família não pode
pagar caro o enterro,
pois é pouco o que tem
pra chorar e viver.
Vela o morto a mulher
e os três filhos pequenos,
e alimentar a vida
custa caro hoje em dia.

A família não pode
dar-lhe luxo no enterro:
viveu e morreu pobre,
talvez seu único erro.
Mais quatro bocas sobram
a viver sobre a Terra.
Sobram mais quatro bocas
tão amigas daquela.

Poemeto visionário

Somos livres
porque podemos ser presos.

Somos pobres
porque o mundo é dos ricos.
Se tudo fosse de todos,
não morrerias de fome.

Somos cegos
porque temos olhos pra ver.

Aos senhores da guerra

1

Cada vez que a arma fala,
o homem, no homem atrás dela,
cala.

Cada vez que o dedo aciona o gatilho,
deixa de ser dedo, e salta
em ferida.

Cada cartucho (projétil e cápsula)
abate um homem à frente,
outro pela culatra:

um com uma bala no peito,
o outro com uma medalha.

2

Os meninos aprendem
a marchar no colégio.

Pelas ruas com sol
e rufar de tambores

brincam de soldados
cheios de coragem.

Sem ter inimigos,
brincam de mocinho.

Brincam de ser homens
já donos de si.

Quando, enfim, se tornam
soldados de verdade,

viram simples brinquedos
nas mãos dos generais.

3

Animais se destroçam
ao comando das vozes
de chefia.

Entre susto e coragem,
um se levanta

e corre
(o pânico
em seu pântano
afundando-o):

EXPLODE
EM VÔO

feito um rojão de Ano-Novo.

4

Políticos e flores.
Militares e flores.
Padres e flores.

Adocicado odor de flores
infesta a praça em festa,
num velório ao revés.

A mentira
compõe hinos,
forja heróis,
ocupa a tribuna
com seu discurso
de oca bravura,

e amortalha os mortos com bandeiras de ódio.

5

Não lançará na terra
sementes e esperança.

Não curará doentes
com suas mãos.

Não fará pão
nem tecidos.

E onde estiverem em festa,
estará ausente.

De um só golpe, cortaram-lhe
todas as existências.

(Herói de guerra, combate
do túmulo em que jaz?)

6

A casa branca
de janelas azuis,

a mulher calada
de olhos azuis,

as crianças rindo
na tarde azul

aguardam

o dono, o esposo, o pai
que não mais voltará.

7

Um homem, não uma farda,
uma arma,
um número
sobre a mesa dos generais;

um homem, não uma bala
que se dispara
(logo seguida de outra
e outra e outra e outra),
de que só fica o cartucho
vazio;

um homem, não um soldado,
entra a cada minuto
na estatística fria
dos mortos em combate,
sob o olhar indiferente
dos senhores da guerra.

Amor intransitivo

Viajo com raiva
ao encontro do amor
Dentro do táxi, no trânsito engarrafado
Os sinais te adiam, te interrompem
Rostos
 na calçada
 misturam-se ao teu
O policial zomba de ti com o apito
Um ônibus
 corta a frente do táxi e te atropela
- Filhodaputa!
Voas, destroçada pelo avanço dos pneus

O motorista acelera
 Há esperança
Enfim o trânsito flui
e meu coração dispara

*Quando miro los rostros
trás el vidrio empañado
sin saber quienes son, donde van,
pienso en ti
Mi vida, pienso en ti*
Vermelho: freio: espera
*Laborando el comienzo de una história
sin saber el fin*

O que te liga a mim? O que
te insinua nos automóveis?
nas vitrinas? nos letreiros? nas calçadas?
O que te traz até mim através do tempo e da distância?
E já não traz? e hesita? e morre?
E recomeça do nada de um nome?
Que força é essa que me impulsiona
dentro da imensa casca de ovo vazia da noite
ao teu encontro?

 E, louca, beija
minha raiva sentada no banco de trás?

Chego afinal a tua casa
Digo olá tudo bem pros teus pais
(como um pedido de permissão
pra sair contigo)
e seguimos caminhando a esmo

Num rompante, te digo:

Escuta,
a felicidade é uma coisa física
(bocejas)

E te grito:

Tudo morre se desintegra explode
(me beijas)

mas nós estamos vivos, sim,

nós estamos vivos entre as estrelas

e já não posso te amar só de dentro de um táxi

sofrer por ti, vir ao teu encontro

e não te encontrar

Mas como mostrá-lo aos teus olhos surdos

se minhas palavras se perdem no ar

como apagam na boca esses beijos

de uma intensidade perdida?

Tomo outro táxi e, a caminho de casa,

sigo rascunhando este poema

sobre o estranho amor intransitivo

que habita em meu peito, e é maior do que eu

Regras de trânsito

Atenção

Siga

Não corra

Não pare na pista

Contorne o canteiro

Devagar: escola

Obedeça a sinalização

Sob neblina use luz baixa

Dê a preferência

Proibido estacionar

Ultrapasse pela esquerda

Proteja a sinalização

Evite acidentes

Contramão

Mantenha a direita

Verifique os freios

Use freio motor

Luz baixa ao cruzar veículo

Acredite na sinalização

Silêncio: hospital

Retorno proibido

Pare fora da pista

Do parnaso ao pão nosso

Fogos de artifício
 no céu do papel
 espocam
e se apagam.

Cadê os poetas do nosso tempo?
Dos nossos sonhos, ossos, esperas?
Da nossa língua dividida em classes?

Jogam seu frio dominó?
Extraem faturas ou notas?
Voltaram ao parnasianismo?

Atarefados, compilam
manuais de esoterismo
e metafísicas sem dor?

Garimpam rimas pra vida
no dicionário de rimas?
Produzem releases, layouts?

Autografam? Infestam coquetéis?
Alagam livros e suplementos
com destroçamentos gratuitos?

Cadê os poetas, pergunto,
que possam suprir nossas almas
com alguma emoção do mundo?

Parto difícil

O poema tem parto difícil
Desentranha lenta pedra
do coração do poeta
Deixa membranas, veias, pele
por cortar

O poema vai-se formando aos poucos, sorrateiro,
até chegar o momento em que é o poeta
quem resta para dentro do poema,
em palavras, silêncios e receios

O poema tem parto difícil
E qualquer cesariana
pode perdê-lo

Esperança

Esperança tem sete vidas.

O ônibus atrasado
atropela a primeira.

O relógio-ponto
marca vermelho a segunda.

A terceira morre
na marmita do almoço.

A quarta é roubada
no envelope do salário.

A quinta, o gato
comeu. Cadê o gato?

Bêbada, a sexta
é presa pela polícia.

A família termina
com tua sétima vida.

Amanhã de manhã
esperança é menina.

Capítulo

Sáimos da noite no primeiro beijo
com gosto de café com leite
mas já o ônibus na porta
 nos transporta
 pro degredo do dia
Tchau vais vou sozinhos

(Nada acontece durante o dia
a não ser um pivete que tenta me roubar
Descubro que é menina, e me lembro de ti)

No final da tarde
volto trazendo pão
 Tu vens
sufocada de esperas

Nos abraçamos
com a alegria feroz dos sobreviventes

Pausa

Manhã de domingo.
O centro é vitrina.

Os mendigos nas calçadas
dormem até mais tarde.

Os sinais no amarelo.
Cães passeiam seus velhos.

Pombos. Pivetes. Pipocas.
Bancos de praça. Jornais.

Espreita

No interior da fábrica de cola
o jovem empregado empilha latas
e vê, pela parede envidraçada,
a muralha de nuvens cinza-chumbo
erguer-se ameaçadora no horizonte.
O suor lhe escorre em fios pelo pescoço
e borda estranhos mapas no uniforme.
Os galões lhe escorregam das mãos úmidas.
O cheiro de solvente entranha em tudo.
Sozinho no depósito, ele espreita
o dia virar noite, e o temporal
varrer as ruas com dobrada fúria.

Teresa

Acorda entre lençóis vazios
Lava a maquiagem na pia

O espelho constata, implacável:
o tempo se move

Nas dobras do corpo
gemidos limo ermo

a pele precocemente enrugada com varizes nas pernas pés-de-galinha no
rosto envilecido pentelhos escassos axilas raspadas cabelos secos curtos
negros sinal escuro sobre a sobrancelha esquerda orelhas pequenas nariz
arrebicado dentes amarelados cáries obturações saliva – a grama verde no
alto mas, embaixo, entre insetos e umidade, podre – unhas quebradas
restos de esmalte vermelho olhos vermelhos sono 55 quilos bem
distribuídos 1 metro e 60 se senta no colo dos fregueses passeia entre os
mesmos móveis repete os mesmos gestos espelho solidão

Rodoviária

Sentado no bar da rodoviária, bebo uma cerveja
Como estou longe do poema
Nem digo da poesia, mas do próprio poema
com tudo o que possa oferecer de simples sequestro
Não sou mais o poeta no porto esperando navios de sonho
Estou na rodoviária real, sem mais passagem para o remoto
Estou vivo, miseravelmente vivo

Sim, eu tive uma infância feliz,
mas o futuro, de manhã,
me dá vontade de não sair da cama

Tenho 22 anos
Dois amigos em outras cidades
Minha namorada me pediu um tempo
Sou filho de quem não são meus pais

Quando menino, eu julgava ser Deus
e me achava no dever de salvar o mundo
Agora, nem a mim mesmo espero salvar

Passei no vestibular, vou cursar Letras
Serei professor de Literatura
Talvez case. Visito os amigos. Jantamos
Publico livros. Ganho dinheiro. Viajo
Dou conferências e autógrafos
Cansado de tudo
tarde confessarei a mim mesmo que não era nada disso
e que eu queria nascer de novo para salvar o mundo

Peço outra cerveja enquanto o ônibus não chega
O mesmo ônibus, o mesmo destino a 60 quilômetros
As mesmas paisagens que me conduzem ao sono
(Viagens curtas)

Olho as pessoas no bar a minha volta
Chegam partem compram comem vão sós
D-R-U-M-M-O-N-D
E se uma tempestade de amor caísse?
As pessoas que vejo não leem poemas
Elas só leem os jornais do dia
E se eu subisse na mesa e dissesse um poema?
(Medo)

Se ao menos o meu ônibus não viesse
Saía pela noite tomava um porre
pagava uma prostituta vomitava dormia
acordava amanhã com a cabeça vazia
- e ainda estaria triste
É triste saber que podíamos ser felizes

O ônibus estaciona no box. Subo no ônibus
e faço-me de surdo ao uivo lancinante do poema
– cão órfão que deixo para trás, para poder seguir em frente
Num solavanco, a vida retorna aos trilhos. Adeus

Orla urbana

Como o mar, a cidade se alastra
corroendo o que encontra em sua orla.
Mas se o mar todo nada em seus peixes,
a cidade não pulsa nos homens.

E se o mar sempre se abre nas praias,
a cidade se turva e oculta,
ao sol claro, quem vive em suas margens
no limiar da pobreza absoluta.

Deitado no quarto

Para Paulo Bentancur

Deitado no quarto
olho o dia morrer na janela.
O dia que, se nada trouxe, tudo leva.

Aos poucos mergulho
junto às coisas
na penumbra,
mas estendo o braço
e acendo
a luz.

Sentado à mesa, escrevo,
e morro lúcido.

Escrever

Escrever
é quebrar pedras.
O resto é conversa.

Minha poesia

Para Luis Fernando Verissimo

Minha poesia uma doação para o futuro?
Ora, Camões.

Quando o homem do século XXX
por acidente topar com ela,
entre computadores, armas
e outros trastes de hoje
 (quando buscava sabe-se lá o quê),
e decifrar, nestes arabescos,
a mão que os criou e sua dor,
só por um instante pensará com seus zíperes,
antes de devolver meus poemas ao pó:
 Não é que esses trogloditas
 já sofriam igual a nós!

No bar

O cavaquinho esgrima com meu coração.
Os amores perdidos. Os dias vãos.
Vou-me embora alegre como um chorinho triste.

Revide

João de Deus
era um violonista excepcional.
Acordava nas cordas todos os seus sons.
O choro, o riso, o grito,
a consagração, o silêncio
brotavam límpidos do seu violão
e iam vibrar no coração dos homens.
Um dia Deus não quis mais.
João sofreu um acidente, perdeu dois dedos.
Adeus, violão.

João é o mágico da gaita-de-boca.

Margaridas

Não te trouxe rosas,
trouxe margaridas,
porque o preço das rosas
é proibitivo.

Nosso amor, uma favela,
enfeita o chão da miséria
com as flores possíveis.

Chuva

Na chuva forte
meus pés são pingos
exagerados

A água encharca a roupa
Lava todo o meu corpo
Os meus passos nas poças
inventam brinquedos novos

(Saudades de ser
quem sempre esqueci)

Compromissos, cansaços, crimes
dentro dos prédios
aguardam por mim

Desço a rua sem guarda-chuva
molhado como um pinguim

Longada

Mario Quintana passeia
nas ruas de Porto Alegre
sem saber se é ele mesmo
ou um poema seu, inédito,
carregado pelo vento

Paixões mal-sofridas

Estou na festa, onde todas
as solidões recrudesçam
Danças com outro na pista
Eu não danço. Tu não bebes

Te vejo outra vez na volta
andando pela calçada
Me lanço no teu encalço
Foges temendo um assalto

Espero por ti na entrada
do prédio em que residimos
Teu olhar me gela e escapas
entre as mãos do ascensorista

Escrevo pra ti um soneto
encharcado de paixão
e o insinuo sob tua porta
com o coração nas mãos

Reclamas de mim pro síndico
que convoca uma reunião
e ante todo o condomínio
desnudas meu coração

Então me arrojando a teus pés
e prometo dar-te o mundo
Zombas de mim e comparas
o amor a um cheque sem fundos

Desconsolado, me mudo
para outro condomínio
onde, ai paixões mal-sofridas,
eu me enamoro da síndica

Três poemas em um

Para Luís Augusto Fischer

Meu coração é um carrinho de lombo
Nunca se sabe se o freio funciona

Debaixo da chuva fina
os motoristas dirigem indiferentes
Os carros se acenam com os limpadores de para-brisa

Já não consigo ser triste
depois de andar contigo na montanha-russa

Sono de poço

Quero dormir sono de poço
sem fresta de luz sob a porta

Quero dormir sono de poço
sem sirene tiro helicóptero

Quero dormir sono de poço
sem ratos a roer o meu rosto

Quero dormir sono de poço
longe do rio que fede a esgoto

Quero dormir sono de poço
sem fel a amargar minha boca

Quero dormir sono de poço
Todo o meu corpo é um nervo exposto

Noite

Tateando
às escuras
abro a janela
da sala
e me debruço
sobre o abismo
de nove andares

No alto
o céu lateja
de estrelas
A lua brilha

Meu corpo
aceso e pulsante na noite
é novo para morrer

No outro lado da Terra é dia

Passa-passará

Passa-passará
Quem detrás ficará?
A porteira está aberta
para quem quiser passar

Muitos caminhos passam
pelo mesmo ponto
Um caminho passa
por pontos sem conta

Passa o presidente
Passa o general
Passa o rico, o padre
E a criança ficará

Se teus são só os teus passos
por que a pressa de chegar?

Ciranda

Para Maria da Glória Bordini

Da laranja quero um gomo
Da cirandinha uma rima
Da tua trança uma fita
Do pátio o canto em que brincas

Do limão quero um pedaço
e a luz dos teus olhos claros

Da boquinha quero um beijo
Do jardim o amor-perfeito
De ti eu quero um retrato
pra te levar junto ao peito

Do limão quero um pedaço
e a luz dos teus olhos claros

Da vida quero a alegria
Quero um barquinho do mar
Das tuas mãos um carinho
Do coração quero um abraço

São João

São João brincadeira bonita invadindo a noite
Acendendo a noite o corpo
com fogueira quentão pinhão
rojões e risos
danças meninas amores meninos dores tão adultas

A lua no céu
também quer dançar
Não acha com quem
se põe a chorar
Mas faça um balão
bonito e encarnado
e dance com a lua
um lindo bailado

Fiz par com a moreninha
na dança do pezinho
Voltei pra casa com o coração
pisado pela paixão

Caderno de desenho

É fácil pintar o mundo
com os meus lápis-de-cor

O rio azul
desce entre dois
morros marrons

O sol laranja
lança seus raios
sobre árvores copadas de verde

A casa branca tem a porta vermelha
de onde sai uma estradinha
que se vai perder na margem da folha

A fumaça cinza
sobe da chaminé
sobe
sobe
sai para fora do papel

E as andorinhas voam livres
dos tracinhos pretos que risco
ao fundo do horizonte

Cascudinho

O cascudinho veio voando
e pousou no meu braço.
Era verde-ouro-aveludado,
de uma cor que eu nunca vira.

O cascudinho bateu asas
e eu não o retive
por medo de machucá-lo.
Mas chorei porque foi-se embora.

Hoje, se um inseto pousa em mim,
dou-lhe um piparote, e adeus.
Já não choram, nem se maravilham
meus olhos velhos de eras.

Toco

Para José e Woniva, meus pais

Atrás de casa tinha um toco enorme
oco
onde se jogavam copos quebrados
cacos de louça lâmpadas
vidros de remédio latas parafusos
tudo

Pequeno
cacei ali meu tesouro
de cores

 e formas

 e cheiros

Herói real na tarde imaginária
voltei a escondê-lo no toco

O toco
cumulou-se de destroços sem novidade
Folhas voaram para dentro dele e apodreceram
Musgos cobriram-no

 Samambaias

 Desprezo

O tempo atravessou-o num raio
Aranhas tomam suas frestas

Sou eu

Café da manhã

Deus não habita este lar
Este ar
Esta xícara de café frio

Ao redor da mesa, a família,
com dentes cariados e mãos duras
toma o café da manhã
Mastigam e engolem, famintos,
e falam dos trabalhos do dia

Embaixo da mesa, o gato
pedincha
migalhas de pão e algum carinho

Seca

Entre o milho, o feijão,
a família capina

O pó sobe do chão
Gruda na pele, na língua

O sol queima a lavoura
Nenhuma nuvem de esmola

Cadeira de balanço

A avó na sala
a tricotar paciência
Óculos mãos ossos
Cadeira de balanço

A avó no quarto
a vigiar a neta
Santa no retrato
Cadeira de balanço

A avó na campa
a acampar sua dor
Chão solidão não
Cadeira de balanço

A cadeira no sótão
a ranger sozinha
Vento? Assombração?
Vai e vem de lembranças

Pecado original

Numa casa branca
nua
cheia de frestas
 que o vento de maio
atravessava em gumes
 de gelo
entre retratos de parentes
a bacia de lata de água quente
 o ar
 de moscas
a parteira e suas tesouras
 de minha mãe
 saltei pro mundo

Podia eu lá saber onde estava me metendo?
Para a mãe natureza ninguém é inocente

Armário

Abro o armário. Há um morto.
Cumprimento-o sem assombro
e procuro uma roupa.
São poucas as possíveis, e estão rotas.

Não tinha reparado, o morto
parece que aumentou
seu silêncio.
Tenta romper o esquecimento
de sua presença rotineira?

Mas não! Dou-me conta, súbito:
não é mais um morto, são muitos.
Mortos abarrotam o armário
vazio.

Meu coração paralisa
num curto-circuito de si.
Sinto ânsias de naufrágios, de bebedeiras, de suicídios,
e choro.

Meu coração, lúcido,
deixa as águas rolarem: tudo é vão.
E ele próprio, sua dor, os mortos – descobre –
resultam por fim numa soma
que é a vida, a vida
que é preciso viver.
Que não se delega a terceiros.
Que não é sábio abreviar.

Encaro os fantasmas face a face.
Nenhum me vê, olham através de mim.
Eu os vejo a todos e não me reconheço.
Fecho o armário, apanho a roupa do cabide.
E, outra vez, sobrevivo.

Não-me-toque

Só me entreabro ao teu toque
que nem onze-horas pro sol
Pros outros sou não-me-toque,
porco-espinho, tatu-bola

Abraço

Voltamos do baile de madrugada
na traseira da camioneta
Os corações aos solavancos

No portão da tua casa
nos abraçamos
abraçamos abraçamos abraçamos

Até hoje continuamos abraçados
embora eu nem lembre a tua cara nem tu a minha

Momentos

Os meus momentos felizes
não somam meses, nem dias,
e foram vidas inteiras
O resto é biografia
A planta tem de estar viva
pra florir na primavera

Corpo-fátuo

Se é do corpo ser fogo,
o corpo de uma criança
é um princípio de chama
Dele ninguém adivinha
se incendiará todo o lote
que o viver lhe destina
ou se findará em faísca

Já o corpo do homem feito
é um fogo tomando a palha
E ergue-se em tais labaredas
com tanto furor se alastra
que até parece, por vezes,
um estopim que ao queimar
ameaça toda a floresta

Por fim, o corpo do velho,
se igual de fogo, tem mais
a natureza da brasa
Não mais sujeito à inconstância
das chamas dançando ao vento,
todo ele é uma viva brasa
que lentamente se apaga

O corpo morto, porém,
desfaz de pronto a imagem
do fogo; ou talvez acenda
- se ainda cabe a palavra -
um fogo vário, lunar,
na luz que arde em sua pele
fria fria fria fria

Mortes

Cada pessoa morre
inúmeras mortes
insensíveis, mas fatais
Na morte derradeira
resta o corpo e o repouso
de não morrer mais

Alumbramentos

Todo amor é indefeso
como um campo

O vento que voava em tua saia
bateu no meu rosto:
não trouxe
o que em ti, feliz, esvoaçava

Maria, em seus cabelos,
trança a esperança
simples

Morro

1

As flores das laranjeiras
sustentavam as manhãs

O campo crescia verde
no alarido das cigarras

Vacas pariam, no estábulo,
a eternidade das famílias

De dentro do morro vinha
um silêncio de reserva

- como o das casas em que há,
dormindo, um recém-nascido

2

Os granizos
quebraram telhas
Pipocaram no chão

Recolheram o gado
junto às árvores
mais copadas

Reuniram na sala
os pais a rezar
e esperar

Mataram plantações
que matariam
a fome de um ano

E, na varanda,
puseram as crianças
a rir e bater palmas

3

Patear de bichos no estábulo
A fúria do vento norte
Briga de foice. Trovões
Cresço entre o medo e a coragem

A minha mãe me acalenta
com suas mãos calejadas

Após um dia de trabalho
desço o morro ao anoitecer
Diviso as roças de sempre,
iluminadas pelo último sol,
as casas de sempre, as mesmas
florzinhas sob as janelas,
e sinto uma vontade imensa
de carregar tudo isso
comigo – dentro de mim
Entretanto, os cascalhos da estrada,
ringindo a cada pisada,
riem das minhas sandices
Sigo em frente chutando pedrinhas
na distração dos sozinhos

5

Fui breve vento, invento
a brincar com as folhas
que ora quedam, imóveis

Meus demônios cantam

*Comecei a sentir minha miséria no catre sobre o chão, escutando a música,
minha miséria, é por isso que eu quero cantar*

Allen Ginsberg

Um mundo todo vivo tem a força de um inferno

Clarice Lispector

Rua da Praia

Desces a rua da Praia
da capital sem mar
Não é bem como lembravas
Há tantos camelôs e mendigos
que mal podes caminhar

Não é a mesma rua que visitaste menino
A rua larga de casas coloridas empilhadas que não acabava mais
As árvores verdes o céu azul a maravilha
Pessoas pessoas pessoas pessoas bonitas
e tu menino da roça que esqueceu de limpar o barro dos tênis

Mudou a cidade? Ou teus olhos
é que turvam desta fumaça
solta no ar como um balão?
Desta indiferença feroz
que esbarra em ti nas calçadas?
Deste negrume do rio de asfalto
a escorrer perigosamente entre os prédios?

Poeta da roça, ainda com os tênis sujos de barro,
atravessas em silêncio a praça da Alfândega
caçando no ar

 um menino
 uma cidade
riscados para sempre do mapa

Meus oito anos

Os filhotes de beija-flor
são bico, olhos e caroços
de bernes

Espremo os bernes um a um
e reponho os filhotes no ninho
- frouxas trouxinhas de pele

Volto outro dia à laranjeira
Nos altos galhos floridos
o ninho fede

Ó céu azul e mudo,
de quem é a culpa do mundo?

Reality show

Dona Augusta
atrás
dos arbustos

espreita
a vida
sem pérolas

de minha mãe

Moinho de pedra

Longe na tarde quente bate o moinho de pedra
Nós brincamos de esconder dentro dos sacos de pasto
Espiamos lá fora os pais golpeando o chão com as foices,
se endireitando um instante, enxugando o suor das faces
e voltando a se curvar sob os olhos do patrão
Eu começo a adivinhar por que eles riem tão pouco
Longe na tarde quente bate o moinho de pedra

Hino nacional

Brasil, o que houve entre nós
ou deixou de haver
que o teu nome não cabe no meu poema?

Alecrim
alecrim dourado
que nasceu no campo
sem ser semeado
cantei feliz desde menino
E até hoje não sei o hino nacional

Canto rouco

A mãe também tem uma música
sua, que a acompanha,
como os temas das estrelas
nas novelas da tevê

Só que não toca em off
Com sua própria voz
rouca e acanhada, a mãe canta
os versos apaixonados

A vida, como a voz, desafina
Quantas mágoas sem nome
a mãe não deve espantar
quando canta

Caderno de recordações

Anelise bonita e caprichosa não sabia
onde guardar a beleza da aurora
a graça dos gatinhos recém-nascidos
o amor-perfeito que lhe dei
Anelise não tinha coração

O coração de Anelise era um caderno de recordações
de capa dura e lustrosa e páginas coloridas
Nele recolhia as lembranças dos colegas de aula
as amizades e os miúdos namoros
No final do ano, iam para o fundo do baú e lá ficavam

E lá ficaram para sempre meus versos adolescentes
que comparavam sua face sardenta a um céu cheio de estrelas
Ora, direis, um céu sardento. Certo perdeste o senso
Mas eu ardia em febre a imaginar as sardas eclipsadas pelas vestes
Meu coração plebeu queria pegar sua mão, beijar sua boca, morrer por ela

Anelise traçava letras perfeitas no caderno de caligrafia

Pensão da tia Lucena

Na estrada esburacada de barro vermelho
as fachadas das casas têm cor de poeira
Pretinhos nus se banham nas margens do riacho
no calor abafado do final da tarde
Desço do ônibus na pensão da tia Lucena
enquanto o sol se esconde, vermelho e pobre, no poente
Sem palavras pra minha miséria, eu canto
as músicas mais tristes como se fossem minhas
E o coração pisado conhece a alegria

Aleluia

O adolescente estranha suas pernas compridas
inocente como um pé de milho
Toda natureza cresce, se expande, palpita
Abelhas zunem em festa em meio às margaridas
O sol madura os frutos e os peitos das moças
Brilha um arco-íris nas penas do beija-flor
Como demorar-se em missas enquanto a manhã faz milagres?
Minhas costelas são asas enterradas

Maria-mole

Lá vai meu tio de cabeça baixa como boi resignado
A nuca de fora sob o cabelo cortado redondo
Vai suar na fundição por um salário miserável
e crê que o patrão o tem em alta conta

Lá vai meu tio de fundilhos remendados
Na mão o almoço envolto em papel de embrulho
Ele ama o suadouro e a fuligem da fundição
porque o põem noutro mundo longe da mulher com úlceras

Lá vai meu tio calçando sapatos maria-mole
Malandro quarentão assovia pras moças de minissaia
À noitinha no bar toma um e outro gole
e volta pra casa, os olhos no barro das ruas do bairro Liberdade

Verno no inferno

Quando nos entregaram teu corpo no IML,
estendido na padiola, inchado,
a camisa mal-posta e ensanguentada,
a calça amarrotada, o sapato sem meia,
quando jogaram teu corpo dentro do caixão como um fardo
a cabeça caiu virada para mim – os olhos piscaram? – ,
a boca sem dentes riu

Sessenta quilômetros viajamos calados
Ao chegarmos, ganhaste um banho, roupa limpa
e o carinho que não tiveste em vida
Cobriram-te de flores como uma criança
Armaram-te um leito no centro da sala

És velado agora na mesma sala
de cuja porta foste colocado para fora
porque eras o que bebia demais,
o que desobedecia as leis dos pais,
o que ria das palavras do pastor,
o que roubava o que é do outro

O que se negava a passar o dia na roça
com o tronco curvado para o chão
dando o cu para o Criador

E rolaste no valo, e rolaste no mundo
Durante anos ninguém tinha notícias tuas
Um dia apareceste de terno listrado ao lado de uma paraguaia
que te deixou, e caíste de novo, e o mundo rodou

Teu patrão foi te encontrar, morto, na choupana dos fundões do sítio,
ao lado do braseiro onde queimavas esterco seco para espantar os
mosquitos

Tubarões

Tubarões comem camarão
De vinho são mata-borrão

Suas vidas, suas cinturas,
um acúmulo de gorduras

Têm uma consciência de esmolas
Sua arte é um colchão de molas

Fazem sauna dentro dos ternos
Chocam almas com vida eterna

Têm estimulantes pra tudo
Mas o melhor ainda é o lucro

Salvador da pátria

O cartaz estampado
em muros, postes, árvores,
mostrava o candidato
de bochechas rosadas,
sorriso cativante
e olhar visionário
de salvador da pátria

O cartaz, sob o sol,
o sereno, a borrasca
e o pó descoloriu
O eleito se pôs lívido
Caninos ressaltaram
O olhar se fez sinistro
E o povo viu o vampiro

Um país

Um país se faz de homens e de livros
Um país se faz de bombas e de bíblias
Um país se faz de fomes e de filhos
Um país se faz de delírios

Aprendiz do amor

O primeiro amor
durou um baile
Usava um relógio que não funcionava

O segundo amor
contagiu-me com poemas
e uma gonorreia

O terceiro amor
foi consagrado ante Deus e os homens
No divórcio ficou Deus de fora

O amor me ensinou
a beber uísque sem gelo
e errar pela noite sozinho como dois

Sem preço

Esta vida não é
jornada de trabalho
que, ao final, nos renda
um suado salário

Ao final, não ganhamos
nada. Nós é que damos
Que nos damos inteiros
em pagamento

Pobre do que viveu
em linha reta, e vê
que sua vida sem preço
já não vale um vintém

Que viver de vencida
é um beco sem saída
Que só o que não viveu
faria a terra leve

Teimosia

Como não morreu
este eu
que veio à luz escuro como breu?

Como não morreu
este eu
que nem pai nem mãe quiseram seu?

Como não morreu
este eu
que quando deu sorte comeu?

Como não morreu
este eu
que rolou no chão se mijando escorraçado com uma tira de pneu?

Como não morreu
este eu
que não escreveu nem leu o pau comeu?

Como não morreu
este eu
que nasceu réu e aos infernos desceu?

Não morreu não morreu não morreu
este eu
até que a bala da lei seu coração varou

Abotoou
O show
Terminou

Carrocinha

Como não tinha
um pintor expressionista
naquele instante
a atravessar a avenida?

Como não tinha
um fotógrafo que fosse?
Um repórter de tevê
com a câmera a postos?

Só cruzou por ali
um poeta novato
e registrou a cena
em versos telegráficos:

O anjo nu a dormir
sobre sacos de aniagem
na carrocinha. A mãe
é tração animal.

Noturno

Para o velho Graça, que vivia não vendo graça em nada

A noite, parteira de monstros,
me agarra pela nuca e esfrega
minha cara no pó do chão.
Estradas de terra vermelha,
sapatos gastos, bebedeiras,
pensões baratas, dostoiévskis,
avó morta, irmãzinhas mortas,
infância e trevas luminosas
vão e voltam. Warte nur, balde
ruhest du auch. Sim. Não. Sim. Não.

Demônios

Não enfeites teu poema
com o papel de seda do sonho
Cedo ficará cagado por moscas

Não escrevas teu poema
para mudar o mundo e as pessoas
Pronto, ele não muda a ti próprio

Escreve o que sopram teus demônios
E ao reler os teus versos
possas tornar a rir-te como um bobo

O poeta, quando não cria,
é um infeliz como qualquer outro

Amor inesquecível

Nosso amor inesquecível
acabou entre três filhos
e prestações atrasadas
do sonho da casa própria

Escapuliu pelo ralo
como os brincos que eu te dei
e por descuido ou por gosto
deixaste cair na banheira

Apagou-se como a luz
sobre a cama sem procura:
cada um para o seu lado
a remoer suas raivas mudas

Explodiu como uma bomba-
relógio de concessões
e prestações atrasadas
do sonho da vida própria

Estrela cadente

Talvez tenhas vindo tarde
pra me encontrar generoso
Talvez tenha te encontrado
desperta de todos sonhos

Qual de nós dois mal-amou?
Inútil buscar um réu
Nem a sentença renova
nosso amor que arrefeceu

Foi tudo engodo talvez
Os pés erraram caminhos
que noite adentro se perdem

Adeus, estrela cadente
Ao léu soletram os grilos
que amar é eterno e breve

Desertos

Força é saber andar em linha reta
quando é preciso atravessar desertos
E se oásis não há, sorver as lágrimas

Precipícios

Sem ver, palmilhamos precipícios
Único aviso, os gritos precípite
dos poetas e dos suicidas

Versos-fósforos

- Tem fogo? –
ela pede
à queima-roupa

- Estou em chamas –
ele deflagra
Maiakóvski

E lá se vão, abrasados

Ostra

O poeta é um pouco a ostra
Forma a pérola sob
maremotos

Soldado

Durante um ano
de sol a sol
eu fui soldado

Mas como eu era
um metal raro
não me soldei

Sou solto, errado

Prostituta

Na horizontal
batalha o pão
vertical

Prova real

A felicidade
é a prova real

Ninguém a vende
Ninguém a dá

Não vem de berço
nem do trabalho

Não se ensina
Apenas se aprende

É a sintonia
fina com a vida

E até pra morte
dá boas-vindas

Mescla

O maior silêncio
se povoa de ecos

A mais densa sombra
se matiza de cores

O mais puro amor
se mescla de outros amores

Berrante

Vô Emílio, me passa o berrante
Quero chamar meus irmãos
Deu estouro na boiada
e eu sozinho não dou conta

Vô Emílio, me passa o berrante
Quero chamar meus amigos
O baile vai começar
e há mulheres como trigo

Vô Emílio, me passa o berrante
Quero chamar meus comparsas
A briga está muito feia
e já fiquei lastimado

Vô Emílio, me passa o berrante
Quero chamar Catarina
O maio já vai em meio
e a tapera está erguida

Vô Emílio, me passa o berrante
Quero chamar a parteira
Catarina berra e berra
e eu não sei nenhuma reza

Vô Emílio, me passa o berrante
Quero chamar os meus filhos
Rumaram pra Capital
e ninguém manda notícias

Vô Emílio, me passa o berrante
Quero tanger a tristeza
Catarina partiu antes
e é longo o entardecer

Vô Emílio, no céu campeias,
e eu já estou com o pé no estribo
Vamos prosear, sem demora,
cara a cara, no infinito

Teu berrante já não vibra
seu fundo e grave chamado
Orna a parede da sala
de um bisneto tresmalhado

Chuva de molhar pato

Tarde de chuva fininha
Cai mansinha minha sina
O meu cérebro baldio
empoça de águas cinzas

Grilos cricrilam, sapos
coaxam dentro dos valos
Um ônibus passa lotado
de passageiros calados

Um vira-lata molhado
com pelos da cor do barro
com olhos da cor do barro
anda na rua de barro

Um mosquito dobra a esquina
Senta na cerca caída
Cresce sem dono o capim
em meio a montes de lixo

Um poste tromba num bêbado
Os besouros batem, cegos,
contra a luz que teima acesa
- farol perdido no ermo

Longe se escuta o ruído
de motores e buzinas
e ecos dos cantos e gritos
dos crentes em culto a Cristo

A chuva fina persiste
enquanto a noite se aninha
nos quintais e nas esquinas
da minha alma quase triste

Merda

Merda pro burocrata batendo punheta na gravata
Merda pro poeta batendo punheta na caneta
Merda pro presidente dos Estados Unidos ejaculando bombas
Merda pro Severino e pra Maria de olhos no chão
Merda pra esperança resignada pra raiva sem dentes
Merda pros vícios inofensivos pros bilboquês
Merda pros lanches rápidos pras trepadas de cinco minutos
Merda pros putos babando nossos paus com os olhos nos banheiros
públicos

Merda pros cristos que sobem à cruz como cegos
Merda pra igreja a bater os pregos
Merda pros que têm carro do ano e idéias do século passado
Merda pra musculação e as mulheres feito sapos
Merda pro futebol e pro carnaval na televisão
Merda pros que deixam aos outros fazer seus gols dançar seu samba
Merda pra toda vida engolida a contragosto
Merda pra quem não ousa nessa merda o amor

Luas de neon

Ouverture

Cresço entre os elementos e Deus,
nu como São Francisco
falando sozinho com as estrelas.

Descubro-me sem pai no embate,
assombrado como Nietzsche
falando sozinho com um cavalo.

Entro na cidade entoando a justiça e o amor,
apaixonado como Maiakóvski
falando sozinho com as outras pessoas.

Viver

Meu Deus é dia
de varrer a casa, raspar a barba.
Trocar as naftalinas nas gavetas, as fotos nos
porta-retratos.
Tirar o poeta da estante.
Amar-se no chão da sala como os gatos sobre o telhado.

Meu Deus é dia de negar que Deus existe.
Quebrar os pratos, partir para o tapa.
Bater com a cabeça na parede.
Emborcar garrafas de vinho,
insaciáveis como os suicidas.

Meu Deus é dia
de reparar a casa, sarar as feridas.
Fingir familiares gestos estranhos.
Traçar projetos de vida.
Entrar mundo adentro até rachar os pés, calejar as
mãos, perder a vista.
Esquecer de regressar.

Só vive o inesgotável.

Noite tempestuosa

Cai, chuva, cai sobre a terra viúva.
Abranda o crispamento dos relâmpagos
cortando o céu a seco em zigue-zague
e o atroar irritado dos trovões.

Vem surdinar nos vidros da janela,
com teus dedos de fêmea, um acalanto
que mergulhe no sono os meus demônios.
Cai, chuva, cai sobre as ruas de chumbo.

Exílio na rua Cipó

Minha rua tem sabiás
que ciscam por trás das grades
e cantam como os de lá.

Tem jardins sobre os terraços.
Gramados que são proibidos.
Praça calçada de lajes.

Tem um cipó pendurado
em galho nenhum, na mata
morta, terraplenada.

Por que diabo ainda há sabiás?
Por que cantam, prisioneiros?
Minha terra tem palmeiras.

Voragem

Vejo o céu.
O céu pela janela.
Vejo a janela.
Meu reflexo no vidro.

Os olhos se miram
e querem ir além:
atrás deles
ver quem vê.

Mas já é incorpóreo como o céu.

Epifania

O anjo
revelou-me toda a minha vida
completa e redonda como um bocejo.
E perguntou se, depois de morto,
eu queria subir ao céu
limpo e puro
ou desgraçadamente sujo de quanto foi viagem.
- Sujo, respondi, e desvaneceu-se.
Quando eu nasci, os anjos
já estavam desacreditados.

Espera

Coitado desse,
arrumando o quarto, a sala,
pondo flores sobre a mesa
à tua espera.

Coitado desse,
a testa colada na porta,
o olho mágico vidrado,
a boca seca.

Coitado desse
que sou eu.

Titubeios

Quis ofertar-te um sorriso
bom como um raio de sol.
Deformou-se em crispação.

Quis arriscar um carinho,
mas a mão parou no meio.
Veio coçar meu nariz.

Quis dizer-te que eu te amo.
Mas as palavras fugiram,
envergonhadas de mim.

Cartilha

Ivo viu a ave.

Ivo viu o ovo.

Ivo viu a uva.

Ivo viu a vaca.

Ivo viu a vulva, a vertente, o Vesúvio.

Conflito de estações

Primavera explode em flores.
Invento um novo verbo:
primaverar.
Eu primavero, tu primaveras...
Eles outonam.

Flores de inverno

Ai! se eu pudesse colher
as flores roxas do frio
em tuas coxas, menina.

Mãos

Ver com as mãos
é arte das crianças
e dos amantes.

Aquarela

Como era verde o meu vale.
Que branco o meu cavalo.
Que azul era minha infância.

Como era azul o capim.
Branco o sovaco da prima.
Verde a cara do vampiro.

A rã no poço era verde.
Branca a santa no altar.
Azul o tio enforcado.

Como era azul meu cavalo.
Como eram brancos meus olhos.
Que verde o inferno do vale.

Topada

Na esquina topo com a vida.
Espaventado entro num bar.
Bebo até rir do voo das moscas
e cumprimentar os estranhos.
Com surda alegria provoco
uma forte dor de cabeça.
Tylenol, sim, dois, um cigarro,
um tango, um conhaque, qualquer
troço rápido - não o báratro,
a intolerável liberdade.

Rato e gato

A vida se diverte
copiando os pesadelos.

Arroja a morte a jato.
Teus pés no pega-moscas.

Brinca de esconde-esconde.
Aplasta em overdose.

Quando corres, te multa.
Se paras, te atropela.

Teus passos catapultam
a queda para frente.

Fera acuada

Poing! Poing! Poing! Como torneira
pingando, a insatisfação
me amola à exasperação.
Fera acuada, enfureço.

A vida adulta, mulher
difícil, só me despista.
Meliflua sopra no ouvido
que bem me quer, mal me quer.

Guerra é guerra, eu vou à forra.
Dou de Don Juan, de pirata,
crápula, lírico - mais
que a vida me faço louco.

Em algum bar da cidade,
entre gentlemen e ladies,
bebo um copo de cerveja
à espera do inesperado.

Ecos de lua

Caímos do chão de estrelas
num pântano de desânimo.
Mosquitos zumbem no ouvido
sinfonias de amor ido.

Vagões sem teto, se arrastam
as manhãs. E o rosto ao lado
tem o ar borrado de quem
dormiu a noite num trem.

Um aranhol de silêncios
envolve as canções e as juras
que embalaram nossos passos.
Ecos de lua e sapatos.

Uma lágrima salobra
rola do olho até os lábios.
Mosquitos zumbem em coro
sinfonias de amor goro.

Camus

Será só uma a pergunta,
como queria Camus?
E as dúvidas que me afligem?

Vale a pena escrever livros?
Imolar os inimigos?
Enamorar-se e ter filhos?

Ou serão essas questões
- e terá razão Camus –
só variantes do suicídio?

À nossa imagem

Nas calçadas vorazes,
hidrantes filosofam.

Os ônibus fumantes
têm câncer no motor.

Velhos bancos de praça
estupram moças sós.

Os prédios com angústia
tentam a psicanálise.

Os mictórios menstruam.
O stress desfolha as árvores.

E a cidade convulsa
se rende, humanizada.

Postal

Postal do Rio de Janeiro
tem Cristo no Corcovado.
Ficava mais verdadeiro
com Guernica, de Picasso.

Tournée

Segunda-feira se arrasta:
gato de espinha quebrada.

A terça dá o desespero,
como uma fila parada.

Quarta-feira é um atoleiro
numa estrada abandonada.

A quinta, locomotiva,
soa o apito e desembesta.

Vestida de festa, a sexta
sai a passear na floresta.

O sábado, shopping center,
dá de brinde um pirulito.

O domingo, enfim chegado,
já começa no palito.

Segunda-feira se arrasta.

A bela pontilhosa

Eu te escrevia
cartas crivadas de interrogações?
de rogações? de orações? de razões?
- arabescos de orelhas à escuta???

Tu devolvias
do teu Olimpo
exclamações banais
como chuva caindo!!!

Eu semeava
reticências insinuando
o interdito...
o indizível...

Tu respondias,
escrupulosa,
com vírgulas, com ponto e vírgula;
toda pontilhosa.

Afinal colocou-se entre nós
- quem o pôs aí?
quem não o apagou? –
um ponto final.

Canção melancólica

Sáimos pra jantar com os carrascos
e brindamos, sorridentes e fartos,
na iminência da explosão.

As notícias da guerra na cidade
nos acompanham no retorno à casa,
na iminência da explosão.

Nos dirigimos à cozinha, insones,
e riscamos – cheiro de gás? - o fósforo
na iminência da explosão.

E voamos pelo ar, Maria Braun.
E a chuva sobre os tetos e a metralha
vão delindo nossos nomes.

O apelo

Este apelo irresponsível de partir...
Foi seguindo esse chamado que te encontrei.
E cada instante fugaz ao lado teu
agradei a ele, mal me lembrando
que ele podia voltar, e me levar de ti.
Esse apelo irresponsível me invade,
me acua outra vez num canto.
Vem da impiedosa vida.

Autorretrato

Meu jogo é na defensiva.
Ao contrário de Caetano,
que dribla e brilha, eu disfarço
- espalhafatoso tímido.

Meu andar na corda bamba
é ser um homem comum.
Expor-se ao bandido é luxo
de herói de banguê-banguê.

Que pode a literatura
contra a vida a se perder?
Meus versos mal deixam ver
quanto em mim fica no escuro.

No entanto, me rói por dentro
(imperdoável desatino)
a esperança de algum dia
marcar um gol de goleiro.

Andarilha

Sem anúncio, apareceste
no céu viúvo do meu ser
jorrando luz e beleza,
esplendente lua cheia.

Apaixonado, deixei-me
iluminar. Não contei
que um dia a sorrir me desses
- ai, lua minguante - adeus.

Hoje eu erro em desespero
na noite ainda mais negra,
ferida por tua ausência,
lua nova, amor andejo.

Tropeço em sombras, impreco,
e esqueço os olhos no céu
- silentes ansiando ver
luzir a lua crescente.

Brinde aos estranhos

Saúde Vítor... Francisco...
Meus contrastantes amigos,
distantes, mudos, maridos.
Ergo um brinde solitário
às farras e às fantasias,
aos poemas mal-escritos
e ao doloroso heroísmo
dos nossos anos dourados.
Talvez vocês os recordem
noutras horas, noutros porres.
O álcool dilui os contornos
e o tempo; na densa bruma
se enlaçam sombras monstruosas.
Miro o bar deserto em torno
e abismos cortados com
nitidez de sol a prumo.

Dia da caça

Todo primeiro verso é só um anzol
que não quer simplesmente te pescar,
caro leitor. Aqui a pesca é outra.
O verso estremece de leve a página,
e eis o vate, caranguejo de cócoras,
fumando um cigarro e bebendo rum,
a ver se morde a isca uma metáfora,
ou rima incomum, ou ritmo underground.
Mas o cansaço, enfim, encerra o round,
e o vate beija o sono boca a boca.
Um puxão na linha: é um lugar-comum.
Dia da caça. Danou-se a minhoca.

Poeta incomunicável

O poema para os teus pais
não pode ser em palavras.

Com a mulher compartilhas
só as rimas e estribilhos.

E os filhos? Estes são sempre
o reverso dos teus versos.

Nem para ti mesmo escreves,
eis senão quando te esqueces.

Alto-mar

Pensei sempre que esta vida
tinha um rumo, e eu tinha remos.
Lancei-me sem medo ao mar,
febril de descobrimentos.

Meu barco singra o alto-mar.
O horizonte é o mesmo
em trezentos e sessenta
e cinco dias a esmo.

Passam ao longe navios
de turismo, de comércio,
de piratas, de polícia.
Ninguém nota os meus acenos.

Sou preto de tanto sol.
Sou duro de tanta ausência.
Eu nasci na água doce
do riacho de uma aldeia.

O mar é feito um deserto
que, em vez de areia, é de água.
Sonho à noite, a céu aberto.
De dia, vejo miragens.

Vejo a terra familiar,
onde a vida era serena.
Remo até lá com os braços,
desço à terra e é de areia

movediça, é água, é o mar
que me engolfa e me expõe
- maldito e onipresente –
aos dentes dos tubarões.

Ilhado dentro do barco,
largo garrafas que levam
mensagens criptografadas
sem remetente e endereço.

Eu pensei que tinha remos.
Eu pensei que tinha rimas.
Mas descubro, no alto-mar,
que a vida é um barco à deriva.

A vida por um fio

Há muitos anos resolvo
a vida por telefone:
caso, descaso, reato,
ligo a cobrar pras amantes,
me demito, peço emprego,
tramo, conspiro, sou preso
(graças a um grampo ilegal
dos homens da federal),
contrato um bom advogado
e saio detrás das grades,
com a conta telefônica
marcando a cifra astronômica.
Ligo pra maternidade:
de longe acompanho o parto
de meu filho, mergulhado
na fumaça dos cigarros.
Enfrento linhas cruzadas,
trotes, sequestros, chantagens,
em ligações perigosas
com roucas vozes sem rosto.
Tenho sucesso e mulheres
e meu fracasso confesso
- minha boca em tua orelha -
no higiênico aparelho.
Ó Graham Bell, te damos vivas,
pai da vida por um fio!

Enguiço

A luz nos ilumina na cozinha.
A energia elétrica circula pelos fios, vinda de distantes centrais geradoras.
O gás aquece a pizza no forno.
Lavo as mãos na pia. A água jorra da torneira, atravessando a parede
dentro dos canos.
Falo contigo. As ideias circulam através das palavras.
Com tanta riqueza à nossa volta,
ocorre nos sentirmos pobres.
Ocorre que as ideias trombam, e as palavras enguiçam.
Tu cortas a pizza.
Brindamos, por hábito.
No silêncio da sala, Mignone inventa uma valsa para piano.
Se tudo corresse bem, ríamos agora de coisas passadas, fazíamos planos
talvez.
E não acontecia este poema.

As meias vermelhas

A impotência de apagar meus atos e palavras.
Rastreio na tristeza do teu rosto as pegadas dos meus insultos.
Começamos o casamento com móveis usados e gestos emprestados.
Quantos beijos simbólicos e frustrações mudas!
Então uma briga e a birra de criança que quer tudo na hora.
E se não lhe dão... Por isso ontem...
Ajoelho calado e ajeito tuas meias.
Mas puseste as meias vermelhas! As meias vermelhas!
- Minha menina, murmuro, tu ainda és minha menina?
Choras no meu ombro.
A tempestade não se arma no tempo bom
e mesmo assim sobrevém, fustigando a terra e as plantas que, brotando,
agradecem.

A lei não é minha mas de Lavoisier:
nada se perde, nada se ganha,
tudo nos transforma.
E ainda é maior o nosso amor.

Tango

A vida é um tango.
Uma tourada.
Contradança entre a morte
e o touro.

Banhista de topless

Os teus peitos que o sol e o vento beijam
- sob o fogo cruzado dos olhares –
seguem pro mar como enfunadas velas.

Shopping center

O guardinha
na guarita
na neblina
no domingo

Ninguém

Faxineira

Cinco horas da madrugada.
No escritório, ainda fechado,
surdo ruído broca o ar.

Uma mulher estropiada
por insônias, filhos, varizes,
com o aspirador faz faxina.

Espeta o carpete empoeirado.
O pó levanta e deposita
nas cadeiras, guichês, estantes.

A faxineira, sem espanto,
de espanador em punho esgrima
com os móveis: o pó espirra.

Suspensa no alto, a samambaia
veste o seu verde de cinzento.
O pó revoluteia no ar.

A faxineira tosse e espirra
enquanto termina o serviço
com o aspirador do nariz.

Há quanto tempo, menina

Há quanto tempo, menina,
não temos olhos pro espanto
nem boca pro nosso grito?

Fecharam nossos ouvidos
ou todos grilos calaram
entre os paralelepípedos?

Quando esquecemos o gosto
da fruta que, rubra, ardia
no fundo de nossas bocas?

Nosso nariz embotou
ou é mesmo à gasolina
que hoje recendem as flores?

E os pés, acaso ainda sonham
como seria a carícia
da terra úmida e fofa?

Há quanto tempo, menina,
a vida perdeu seu corpo?

Revés

Onde esperas
colher as
nêspas,
vespas.

Batendo pino

Corpo, meu grande esquecido
(poltrona bamba em que o espírito
digere suas metafísicas),
teu couro rompe as costuras.
E saltam molas, espuma,
insetos, oco e soluços.

Máscara viva

Entre fendas e protuberâncias,
apontam ânsias
como pelos.

Os lábios crispam num riso,
mas caninos salientes
sonham morder.

Olhos esbugalhados dizem nada,
e a calva desguarnece
obscenas orelhas.

Um tique, num átimo, con-
-trai o lado da cara.
Cai a graça no chão.

Teu rosto? Só um trapo,
repuxado nos cantos
por um bando de ratos.

A palavra cão morde

A palavra cão morde
o calcanhar do medo.

A palavra ferro incandesce
na forja do poema.

A palavra paralelepípedo
é pedra em que topa a língua.

E o andarilho repousa à sombra
da palavra cinamomo.

Minha morte

Minha morte nasceu comigo,
com a tesourada no umbigo.

Ou bem antes se enovelava
a mim: no ventre me embalava.

Sua figura sedutora
foi a contraparte, a Outra,

que em meu coração de menino
guerreava o Deus bom e terrível.

Um dia, no alto da pedreira,
olhou-me nos olhos: ceguei.

Trêmulo e preso em seu feitiço
andei um passo para o abismo.

- O ar translúcido é duro vidro,
soprou-me a Morte. - Vem comigo.

Os pés gelaram junto à pedra.
Somente o corpo me conteve.

Perdida a presa, ela deixou-me
entregue à vida, sem perdão.

Mas não se foi. Fiel qual sombra,
flerta comigo, à noite, em sonhos.

E mesmo em pleno dia, amante,
vem beijar-me em cada cigarro.

Luas eclipsadas

A lua cheia desponta por trás dos edifícios,
tão bela como fora de qualquer fotografia.

Estaco, paralisado
por um outro luar.

Minhas irmãzinhas que não viveram
saem detrás do tempo eclipsado pelos relógios,
como voltam os mortos nítidos no sonho.

Mas não guardo lembrança delas.

Surgem crescidas comigo, luas
novas, exorbitadas de ternura.

Choro a ausência irremediável dos irmãos que viveram.

Última viagem

Antes de embarcar no ônibus
que um dia para pra todos,
qual fumante incorrigível
relutarei, pé no estribo,
sorvendo, com lábios trêmulos,
a tragada derradeira.

Acalanto lutuoso

Nina nana pequenina.
Teu cabelinho cacheado
vai crescendo surdamente
como a relva verde-clara.

Nina nana pequenina.
Teus brancos dentes de leite
riem por sob o silêncio
como a água do ribeiro.

Nina nana pequenina.
O brilho dos teus olhinhos
viaja no vácuo escuro
como a luz de sóis extintos.

Nina nana pequerrucha.
Ai menina dos meus olhos
- riso, luz, flor em botão
sob a relva que te acolhe.

Nina nana nina nada.

Pés

À força de serem
tanto repisadas,
as ruas encurtam.

A distância encolhe
sob os pés cansados
e duros do adulto.

Pés insensíveis.
Mais que pés, são pedras
soltas do caminho.

Guardam em comum
com as pedras, rolar
até consumir-se.

Queda

Um passo em falso
basta ao abismo.
A queda é livre.

Vento

Vem, vento! Varre
as folhas mortas.
Sacode os galhos secos
no chão.

Reste o tronco nu, à espera
de um dia uma primavera.

Legado invisível

Quando meus pés forem caminhos
e minhas mãos lenha queimando,
quem andará ruas que eu ando
lembrando os sóis que eu acendi?

Quando meu peito for navio
e meus cabelos tempestade,
quem erguerá um solitário
brinde ao que em mim é só carinho?

Quando olhos meus forem abismos
e ouvidos meus ondas quebrando,
quem servirá um chá de malva
aos meus fantasmas esquisitos?

Quando meu sangue e minhas dores
se dispersarem, paina, no ar,
quem cantará canções que eu canto
se deslembrando em meu amor?

Dócil fantasma

Da janela do quarto
(protegida por grades)
o velho espia a rua.

Espiga debulhada,
a boca cai pra dentro.
A calva é um chão de lua.

O velho é todo olhos.
O velho é todo óculos
e orelhas atentas.

É uma sombra que espreita,
de roupão e chinelos,
a tarde de setembro.

É um dócil fantasma
diurno, que se assombra
de o mundo ainda ser novo.

Maria e Margarida

Maria e Margarida
são duas moças bonitas.
Maria põe seus brincos.
Margarida põe a língua.

Maria e Margarida
são duas moças artistas.
Maria estuda piano.
Margarida dança tango.

Maria e Margarida
são duas moças modernas.
Maria fala inglês.
Margarida faz topless.

Maria e Margarida
são duas moças espertas.
Maria faz magistério.
Margarida faz mistério.

Maria e Margarida
são duas moças dinâmicas.
Maria faz ginástica.
Margarida anda a cavalo.

Maria e Margarida
são duas moças românticas.
Maria ama um rapaz.
Margarida se ama mais.

Maria e Margarida
são duas moças sensuais.
Maria tem olhos ciã.
Margarida tem uns olhares...

Maria e Margarida
são duas moças banais.
Maria faz bordados.
Margarida faz escândalos.

Maria e Margarida
são duas moças elétricas.
Maria joga tênis.
Margarida tem brevê.

Maria e Margarida
são duas moças histéricas.
Maria odeia pelos.
Margarida, os pais que tem.

Maria e Margarida
são duas moças nervosas.
Maria quer um noivo.
Margarida, ser repórter.

Maria e Margarida
são duas moças insólitas.
Maria curte um rock.
Margarida cria cobras.

Maria e Margarida
são duas moças sem mácula.
Maria escuta o padre.
Margarida, o psiquiatra.

Maria e Margarida
são duas balzaquianas.
Maria casou mal.
Margarida fez duas plásticas.

Maria e Margarida
tomam juntas o chá.
Maria tem um diário.
Margarida escreve romances.

Maria e Margarida
são duas moças no álbum.
Maria junto às bonecas.
Margarida a fazer caretas.

Banco de praça

Lagarteamos ao sol
no retiro habitual.
O musgo cresce, lento.
Nossos cabelos caem.
As horas sempre passam.
Os anos sempre chegam.
O desespero é frio.
Os netos nos visitam.
São postais enviados
de uma terra estrangeira.
A primavera explode
em perfumes, e as árvores
se despem para o inverno.
As mulheres, em casa,
reclamam das goteiras,
das baratas, de tudo
que não providenciamos.
E as cartas que não vêm.
E os filhos que não voltam.
E a gripe que não cura.
Refêns dessas misérias,
lagarteamos ao sol
no retiro habitual,
enquanto há sol. Amém.

Mortos

Vê! Os mortos nos insultam,
deitados com seus sapatos.
Não dão ouvido aos soluços.
Nem nos devolvem o olhar.
Têm ouvidos bem fechados.
Olhos iguais aos dos cegos.
E pés obscenos, calçados
- fúrias tombadas de pé.

Os quarenta

Eis se apresentam
os quarenta,
inesperados,
de tão certos.

Agora sou
velho demais
pra ser um Poe
-ta românico

(embora outros
possam chorar,
de torcer lenço,
aos sessenta).

Domino as leis
do ritmo, e o rijo
pega pra ca
-par da vida.

Ossos do ofício

Intelectual uma ova!

Se me sujo mais de tinta que um mecânico de graxa
pra consertar um poeminha ano 69.

Achados e perdidos

Os editores reclamam
que ninguém lê poesia.
Que somos incompreensíveis.

Fossem às livrarias
e desvendavam o mistério:
não há poesia à venda.

Entretanto, *Libertinagem*
se expõe ao público, pouco cabotino,
entre livros pornográficos.

Claro enigma? Fácil!
Na seção de charadas.
O cão sem plumas na veterinária.

A luta corporal nas artes marciais.
O aprendiz de feiticeiro no ocultismo.
O coração disparado na cardiologia.

E assim os livreiros escondem
- inscientes ou sábios? - os ovos
de Páscoa da poesia.

Manuel Bandeira, não eu

Manuel Bandeira, não eu, confesso,
escreveu o poema sobre a estrela,
que entre as colegas da escola me deu glórias de poeta.

Também de Bandeira era a declaração de amor
que fiz num bilhete para a Alice
- mas ela, insensível, não devia gostar de poemas...

De Bandeira, os versos torrenciais, dilacerados e alegres
sobre a alegre vida pungente,
que repercutiam no meu cérebro como numa câmara de ecos,

como eram invenção dele
todas as verdades simples
que eu mesmo queria ter descoberto.

E, mais que meus, eram de Bandeira os suspiros
que eu dava, presa de futuras nostalgias,
pensando na vida e nas mulheres que amaria.

Banho-maria

Os cafezinhos do stress.
Os cigarros da ansiedade.

Conversa de dedos trêmulos
e assuntos esfarrapados.

No teatro, qual teu papel?
No circo, és tu o palhaço?

Eis o espelho, e eis tu mesmo.
Eis o teu maior rival.

A infância que não tiveste
te espia do abstrato álbum.

A tevê é tua janela.
Teu país, uma ficção.

És o mostro do Loch Ness?
O fantasma de teu pai?

Guias chiando os pneus.
Ris com ganas de chorar.

Zumbi

Operário zeloso, levanta à mesma hora.
Toma um banho, se veste e dispara porta afora.

Passa incólume ao cerco de ladrões e PMs.
Hábil, evita os carros e os transeuntes infrenes.

Apanha o coletivo entupido de gente.
A empurrões e pisadas se mostra indiferente.

Desembarca num ponto anterior ao da fábrica.
Guarda do vivo todos os cacoetes e hábitos.

Até pede uma taça de café e um sonho
no mesmo bar de esquina em que foi morto, ontem.

Fogo cruzado

Há venenos demais no ar,
e você aí
tomando vitaminas.

Há pontes e bombas caindo,
e você aí
tateando parapeitos.

Há vulcões ressonando sob o asfalto,
e você cruza a rua
na faixa de segurança.

Inventário de danos

Não há mais nada a fazer.
Você levanta da cadeira
com o peso da sua vida.
Fala do calor, das contas, dos mosquitos.
Junta copos e garrafas, gingando,
com a habilidade fingida de um garçom.
Desliga a tevê que há tempo ninguém olha.
Enfim, leve cinza de cigarro que se desprende,
o silêncio cai entre os dois.

O mudo inventário dos danos.
A casa esperando reformas, a falta de tesão.
Você acende o último cigarro
e fica olhando para a parede
onde uma formiga anda à toa
- formiga tonta dando voltas
sobre a parede branca e morta.
Não há mais nada a fazer.
Talvez outra cerveja traga o sono.

Luas de neon

Ardo noite adentro,
bardo bar em bar.
Meu cigarro, brasa
a vagalumear.
Vejo sem ser visto.
Falo sem quem ouça.
Sofro a conta-gotas.

Androide

Minha adorável androide,
meu corpo freme, pedindo
teu corpo de celuloide.

Num segundo esqueço Freud,
quando voltas para mim
teu belo rosto romboide.

Meu desejo debiloide
persegue teus peitos prenhes
de leite com alcaloide.

Deliro, me vejo herói de
demanda a um novo Graal:
o teu pente de asteroide.

Baratas

Impossível aceitar ou recusar as coisas em bloco
após um casamento fracassado, o totalitarismo do socialismo, a aids.
Baratas feito folhas mortas juncam as calçadas do bairro.
A moça na tevê sorri seus dentes para palitos.
A nave espacial foi retida na base por uma nuvem de mosquitos.
Descubro regularidades como a temperatura em que ferve a água
e intermitências como tua graça de menina ao dizer "meu homem".
Poeta, aplico minhas economias.
Materialista, vivo de epifanias.

Beleza, Medusa

Tua vida decidida por índices.
Tua morte semeando indícios.

Não tiraste a sorte nem viste a Deus.
Nas ruas do centro vendes bilhetes e incenso.

A beleza, Medusa de teus anos jovens,
não resiste a um close, cansada de poses.

Os cabelos brancos de água oxigenada,
tens a sabedoria de uma boneca de plástico.

Ou rima ou sai de cima - a literatura
é tua grata morte, metamorfoseada em cura.

Ducha fria

Olho o meu pulso sem horas
e lembro que me esqueci.
Por onde andei não estive.
O que fiz não foi pra mim.
O outro, sim, teve um nome,
pai e mãe, papéis e fotos,
olhos míopes, mãos enormes
e vísceras problemáticas.
Submisso assinou contratos.
Foi empregado, marido.
Comprou livros que não leu.
Em casa usava alpargatas,
sorria meio-sorriso
e prometia e mentia.
Ia ao dentista. Pagava
imposto. Fazia fila.
Esperava a hora, o ônibus,
o socialismo, e bebia
mandando o mundo pra longe.
Olho o meu pulso sem horas.
Sou poeta contra mim.

Morrer

Embora o mundo não tenha mais tempo
para morrer,
e a morte, impessoal, venda jornais
e engrosse os dados das estatísticas,
preciso morrer agora.
Como um menino que viveu demais.
Ou homem que vive pouco.
(Quem não se confessa para Deus tem que falar para os seus.)

Se é tarde demais para inventar-se outro
- todo começo é sempre um recomeço -,
se a dor atravessou minha infância
com a força de uma morte violenta,
se carrego meus mortos e eus mortos
e tenho medo da minha mente,
se nosso inferno é cada dia mais eterno,
como resistir, não quebrar
a espinha dorsal da vida?

Olhos marinheiros ao mar.
Ao ar asas.
Ossos ao limo.
O eu à ilusão.
E quem me suporta morra comigo.

Hermína

Neste domingo chuvoso, como tantos de tuas visitas,
dou na tua sepultura, na cidade em que vieste morrer
Onde te enterraram sozinha

Minha avó feia, gulosa, magra,
de cabelos brancos em pé e olhos arregalados,
que comias até empanturrar e arrotavas alto

Minha avó sempre de luto e aos mexericos,
que disparavas perdigotos em saraivada
e trazias o guarda-chuva por marido

Minha avó que secaste na nossa frente
como árvore velha, num show da morte
para nós pequenos aterrorizados por fantasmas

Minha avó amarela neste retrato sobre a pedra
Minha avó só lembranças e ossos enterrados neste canteiro
Minha avó que jamais me fizeste um carinho

Avó, chega para lá, dá um lugar para mim.

Epitáfio

Quem jaz aqui não levou
o fruto do seu suor,
nem os versos que criou.
Quando se foi, levou só
o que nunca lhe foi dado
e aquilo que fez em pó:
o voo sobre o trenó,
o salto da rã na água,
a esperança no milagre,
a vingança a frio e faca,
o verde inferno do vale,
os ossos de sua avó.

Noturno nº 2

Sou ônibus recolhendo.
Não paro pra mais ninguém.

Cuore

Aí está tua vida, em ordem e amarrada até a última ponta.
Aí está tua vida, pronta para desabar.
Quando você era adolescente, tinha um gravador barato
que chiava mais que um rato,
e um rádio de pilha que estava sempre no fim da pilha.
Tinha também três namoradas: uma dos olhos,
outra dos pés, outra do riso.
Tinha três namoradas e só você sabia disso.
Ouvia músicas italianas que faziam doer de românticas.
Ouvia músicas de amor que faziam doer teu cuore.
Aí está tua vida, pronta e amarrada de ponta a ponta.
Aí está tua vida, prestes a desabar.

Paralelepípedos

Rua a passear por mim a passear pela rua por mim

Fernando Pessoa

Ruas

Madrugada. Vagueio
sozinho pelas ruas.
Latidos de cães varam
os séculos, e a lua,
odalisca, me pisca,
me mostra a espádua nua.

Ai lua, cadelinha
de espinhas minguantes,
ouve o uivo dos lobos:
por tuas nádegas cheias,
por teus peitos crescentes,
por teus desejos novos.

A lua empalidece.
Vê-se nua no céu.
As nuvens, camareiras,
vêm correndo em socorro.
A noite se põe negra
como um manto de viúva.

Quando os bares se fecham
e as virtudes se negam,
na noite interminável,
não me resta um amigo,
não me resta uma amante.
E onde arranjar cigarro?

Estabanadamente
avanço, como se
corresse contra o vento,
contra pernas e braços,
ou corresse, submerso,
nas funduras de um lago.

Estala, em meio à noite,
o grito rouco e atroz
de um homem degolado.
Com a alma em frangalhos,
dou-me conta: é um galo.
Vem vindo a madrugada.

Pedras

Pequenina e absoluta,
você me fez tontear
como pedra nos rins.
Que dor filha da puta.
Mas que médico extrai
os amores ruins?

És pedra em meu orgulho.
Pedra em minha armadura.
Pedra na corda bamba.
- Doutor, o que eu faço?
Devo dançar um tango?
- Melhor cair no samba.

Palavras, ai, palavras.
Sons lançados ao vento.
Mas palavras raivosas
machucam mais que pedras.
E as amorosas são
rocio do coração.

Os meus cinco sentidos,
como se fossem dedos,
vão tateando os teus jeitos,
riscam no ar um carinho.
Ris, e a doida esperança
me dá um coice no peito.

Tu partiste e eu fiquei
partido pelo meio.
Um sapato sem par.
Um brinquedo quebrado.
Um domingo de chuva.
Um menino de rua.

Ao partir, me deixaste
a remoer nossa vida
dolorida de ausências.
O anel que não me deste.
O amor que não me tinhas.
A poesia de menos.

Pirilampus

No meio do caminho
tem uma pedra, Carlos,
insensível e fria.
Tem uma pedra pedra.
E atrás da escura pedra
pirilampam poemas.

Há poemas que voltam
volta e meia, qual corvos,
a assombrar teus umbrais.
Não ousas acolhê-los,
temendo que não lembres
como viver jamais.

Quando o poeta desgosta
de viver, ele ateia
fogo aos versos guardados.
Ou os publica, e adentra
sua própria vida póstuma.
Todo poema é epitáfio.

Poeta, polvo escuso,
mergulhado em escuros
abismos de sua alma.
Quando pressente o arpão,
espargue tinta e some:
borrão em meio ao caos.

Ó vate pós-moderno,
tu não podes mais ser
o albatroz chapliniano
do feroz Baudelaire.
Os céus têm outros donos
e a terra não te quer.

A poesia é o cu
que evacua as loucuras
cumuladas na mente.
O poeta, essa estranha
criatura sem cura,
virou boi de piranha.

Pratos

Manhã cedo, a navalha
no balé habitual
entre cara e carótida.
De espectador, no espelho,
o rival poupa o aplauso
pra um final apoteótico.

Desgrenhada e descalça,
lavas a louça de ontem
escutando o *Bolero*
de Ravel, para ver
se resistes (e até
quando) a quebrar os pratos.

Todo dia eu espio
as roupas da vizinha
no varal: o vestido,
o sutiã, a calcinha.
E em meu sonho o seu corpo,
nu, se volatiliza.

Dentro do coração
é adúltero o homem
que ama a sua mulher
com desejo sexual,
diz João Paulo II.
Glória ao deus dos eunucos.

Sobre o sofá da sala,
o bichano, com fomes
imemoriais de ratos
e de gatas no cio,
afia as feras garras
lanhando a própria cauda.

Sou a bruxa girando
ao redor de uma lâmpada.
Fosse possível, e
beijaria esse fogo,
pra cair fulminado,
com as asas em chamas.

Línguas

De soslaio, eu olhei
para a filha do rei.
Os dentes de jasmim,
o balanço das ancas
e os olhos de cigana
me esqueceram de mim.

Pode um beijo saciar?
Mas você se amua.
Meu desejo, acuado,
teimoso não recua.
Anda de lado, rápido.
Caranguejo na praia.

Nus, na praia deserta.
As palavras se quedam
mudas ante o mistério.
Natureza indomada,
o teu corpo descarta
o vão termo beleza.

Mulher, quantas surpresas
vela o teu corpo em pelo.
Este botão do umbigo.
A anêmona entre as nádegas.
Nuca. Axilas. E a amiga
gruta sob a cascata.

Um corpo em outro corpo.
Um beijo de duas línguas
que não têm tradução.
Só os corpos se entendem.
Amar é decifrar,
sozinho, japonês.

Tua bolsa de brim
dorme, cão, aos teus pés.
Céu cinzento de maio.
Mar batendo aos teus pés.
Sobrevoam gaivotas.
Eu rojado aos teus pés.

Papões

E vem o medo, e vem
o medo sem sentido,
tomando o corpo e a mente
com seu sinistro visgo.
O medo de morrer.
O medo de estar vivo.

Não falem nada agora.
A vida é um nervo exposto.
Fechem janelas, portas.
Não me acordem pro almoço.
Inês reina e é morta.
Quero um sono de poço.

Deem trégua às britadeiras.
Aos sinos. Às sirenes.
Trégua à televisão.
Cancelem helicópteros.
Tiros. Tiras. Repórteres.
Eu nino o coração.

Coração, por que pulas
de medo, puco-puco?
Papai foi trabalhar.
Mamãe foi para o shopping.
Mas o Bicho-Papão,
veio para brincar.

Não te perguntes nunca,
sozinho num hotel,
quem és tu, grande clown.
Pede champanha à copa.
Acende o teu charuto.
E ri de estar tão down.

Sou doido por trazer
meu coração no colo,
como um filho de fraldas?
Mas este mundo é dele.
E, quando chora, eu sei:
é hora de ir embora.

Máscaras

Escreve pra gaveta,
madrugada e de cuecas.
Uns poemas lhe fogem:
assina sob pseudônimo.
O professor se encolhe
atrás dos grossos óculos.

O poeta é somente
este engasgo na fala.
Quem se pára a ouvi-lo?
Porém o professor
tem a língua afiada
e um público cativo.

A poesia é silêncio.
É como bater palmas
com uma mão apenas.
O professor emula
os seus antigos mestres.
O poeta se emura.

O poeta é o maldito
que transmuta as palavras
ocas em ouro puro.
Triste primo de Midas:
de sua boca só caem
moedas de ouro mudo.

O professor se esconde
por trás dos grossos óculos.
Publica sob pseudônimo.
Vive sua vida anônima.
Só teme o manicômio
e a vã posteridade.

Mas quem recita os versos
de Drummond aos alunos?
O poeta blasé?
O mestre ph.D.?
O adolescente oculto
atrás de suas máscaras?

Arapucas

A vastidão da vida.
Horizontes sem volta.
O viajante vigia
as estrelas e o bolso.
Ter um rumo e terêns
o transforma em alguém.

O viajante orgulhoso
cai preso na arapuca.
Os seus olhos se empoçam
no espelho de outros olhos.
Toda estrada tem volta.
Só amor não tem retorno.

O amor devora os rastros.
Ri de bússolas, mapas.
Põe chumbo nos sapatos.
O viajante se planta
ao pé de sua amada.
E ela o trai, descuidada.

Não terá esta vida
mais saída ou atalho?
O viajante se mira
no aço frio da navalha.
Céus se mostram porões.
Estradas, ilusões.

Doce porto do amor.
Horizontes sem volta.
O viajante descobre
o avesso da viagem:
a volúpia da lâmina,
o sonho de ser nada.

O viajante vigia
a navalha, ao barbear-se.
Quase matou, faz anos.
Quase que se matava.
E ela o amava, e ao amante.
A vida é sonho errante.

Musas

Margarida, sapeca,
punha a mão no meu pinto.
Maria se despia,
sob a mesa, pro médico.
As primas são irmãs
com açúcar e sexo.

Minha massa cinzenta
se acende em brasa viva
quando topo contigo.
Meus demônios deliram.
Meus neurônios vacilam.
Não sinto o chão que piso.

Quando falas comigo,
não te entendo – as palavras
se desfazem em música.
Quando me olhas, eu cego.
Quando me tocas, todo
me desaparefuso.

Despida sobre a cama
entreabres as pernas
sem pudor como se
simplesmente posasses
pra um Picasso pintar
o avesso da alma humana.

Entre o desfiladeiro
de tuas pernas em vê,
asas de borboleta,
me descubro e me perco.
Sou gavião. Cascavel.
Lagartixa na greta.

Nossos corpos, e a lua
a alumiar os telhados.
Nossos corpos, e a Terra
a gerar seus desastres.
Nossos corpos, apenas,
em si enrodilhados.

Brotinhos

Brotou, e se deu conta
que outra estação aponta.
Seus espinhos dão ponta.
O seu botão desponta.
E um enxame sem conta
ronda o seu mel, às tontas.

O espelho lhe revela,
após o banho, as pernas
lanhadas de desejo.
Os peitos embicados.
Os olhos extraviados.
Boca pedindo um beijo.

Floriu, e se deu conta
que o verão já desponta.
As pétalas sem conta,
em concha, se entremostam,
rubras como uma afronta
ao céu. Deus não desgosta.

A menina franzina
saiu de seu casulo
de catecismo azul
e castidade rosa.
Capricha nos decotes.
Põe as garras de fora.

O seu corpo desconta
os invernos sem conta
sob a estufa e as afrontas
das podas de mãos tontas.
Até o céu se desmonta
diante da rosa pronta.

Casta e esplendorosa,
desfila em meio à turba.
Flor criada em viveiro.
Pantera voluptuosa.
O mundo é seu, e o mundo
espia o seu traseiro.

Sapatos

Meus sapatos se gastam
quanto mais são usados.
Minha vida se gasta
quanto mais é guardada.
Os sapatos, poupá-los.
Mas a vida, esbanjá-la.

Viver é o vão ofício
de construir ruínas.
Arquitetos de sonhos,
planeamos suntuosos
palácios, templos, livros.
Pasto de limo e traças.

Amanhã, o meu corpo
desaparecerá.
Amanhã, minha mente
será esquecimento.
A vida me atravessa
num estremecimento.

Surpreendo-me vivo
na rua. Redemoinho.
Caio de cama, em febres.
Mas cadê minha canja?
E Mamãe, que não vem
tirar os meus sapatos?

A alegria dos mortos:
poder deitar de costas
e dormir sem roncar.
Com a roupa melhor.
Com os sapatos novos.
E sem despertador.

Sombra. Limo. Silêncio.
Velhos plátanos choram
suas folhas estreladas.
Quem me dera morrer
como a folha revoa,
leve, ao vento do outono.

Estrelas

Daqui nada se leva,
aqui tudo se deixa:
amores impossíveis
amargos como ameixas,
amigos esquisitos
e inimigos do peito.

Aqui tudo se deixa
em fiel testamento:
um bocado pros filhos,
outro tanto pro vento,
um pecúlio pra esposa,
outro pro firmamento.

Como a ostra paciente,
uma pérola, apenas,
perfeita, em vão busquei
gerar de minhas penas.
A dor não quis conversa.
Ficou o grão de areia.

Sete covas acharam
no quintal do poeta.
Nas covas, sete ossadas
das amadas que matara:
todas da mesma mulher
em diferentes idades.

Morte, minha princesa,
somos poeira de estrelas.
Vem deitar-te comigo.
O círculo se fecha.
Volto a ser o que eu era
antes de haver nascido.

Que tempo durará
essa tarde sem termo?
A areia ainda verte
pelo vão da ampulheta?
Meus olhos catacegos
sentem sede de estrelas.

Sumário

Alta tensão

Alta tensão
Despertar
Round
Classificados
Jogos de domingo
Maria
Na funerária
Poemeto visionário
Aos senhores da guerra
Amor intransitivo
Regras de trânsito
Do parnaso ao pão nosso
Parto difícil
Esperança
Capítulo
Pausa
Espreita
Teresa
Rodoviária
Orla urbana
Deitado no quarto
Escrever
Minha poesia
No bar
Revide
Margaridas
Chuva
Longada
Paixões mal-sofridas
Três poemas em um
Sono de poço
Noite
Passa-passará
Ciranda
São João
Caderno de desenho
Cascudinho
Toco
Café da manhã
Seca
Cadeira de balanço

Pecado original
Armário
Não-me-toque
Abraço
Momentos
Corpo-fátuo
Mortes
Alumbramentos
Morro

Meus demônios cantam

Rua da Praia
Meus oito anos
Reality show
Moinho de pedra
Hino nacional
Canto rouco
Caderno de recordações
Pensão da tia Lucena
Aleluia
Maria-mole
Verno no inferno
Tubarões
Salvador da pátria
Um país
Aprendiz do amor
Sem preço
Teimosia
Carrocinha
Noturno
Demônios
Amor inesquecível
Estrela cadente
Desertos
Precipícios
Versos-fósforos
Ostra
Soldado
Prostituta
Prova real
Mescla
Berrante
Chuva de molhar pato
Merda

Luas de neon

Ouverture
Viver
Noite tempestuosa
Exílio na rua Cipó
Voragem
Epifania
Espera
Titubeios
Cartilha
Conflito de estações
Flores de inverno
Mãos
Aquarela
Topada
Rato e gato
Fera acuada
Ecos de lua
Camus
À nossa imagem
Postal
Tournée
A bela pontilhosa
Canção melancólica
O apelo
Autorretrato
Andarilha
Brinde aos estranhos
Dia da caça
Poeta incomunicável
Alto-mar
A vida por um fio
Enguiço
As meias vermelhas
Tango
Banhista de topless
Shopping Center
Faxineira
Há quanto tempo, menina
Revés
Batendo pino
Máscara viva
A palavra cão morde
Minha morte

Luas eclipsadas
Última viagem
Acalanto lutuoso
Pés
Queda
Vento
Legado invisível
Dócil fantasma
Maria e Margarida
Banco de praça
Mortos
Os quarenta
Ossos do ofício
Achados e perdidos
Manuel Bandeira, não eu
Banho-maria
Zumbi
Fogo cruzado
Inventário de danos
Luas de neon
Androide
Baratas
Beleza, Medusa
Ducha fria
Morrer
Hermina
Epitáfio
Noturno n° 2
Cuore

Paralelepípedos

Ruas
Pedras
Pirilampos
Pratos
Línguas
Papões
Máscaras
Arapucas
Musas
Brotinhos
Sapatos
Estrelas

Dublê de alma

.....

.....

.....